

A experiência do afroatitude na Universidade Federal do Paraná

Rita de Cássia Guimarães Esmanhoto*

Tenho certeza de que todos os que passaram pelo Projeto AfroAtitude foram transformados por ele e levarão essa experiência pelo resto da vida. Trabalho como professora de Física, Química e Matemática em duas escolas de São José dos Pinhais, no Paraná. Tenho vários alunos negros e três colegas também negros que se interessaram muito pelo Projeto. Esse interesse motivou a ida de membros do AfroAtitude à minha escola para discutir racismo, políticas afirmativas e preconceito, estimulando os alunos negros a tentarem o vestibular da Universidade Federal do Paraná, pelo sistema de cotas. Após ter passado pelo AfroAtitude, sinto-me perfeitamente à vontade para discutir assuntos relacionados a esses temas e também relacionados à Aids, sexo seguro, prevenção, mulheres, em qualquer lugar. Acredito que consegui isto através das atividades propostas pelo Projeto e pelo convívio com professores e colegas do AfroAtitude.

Ana Luiza Benites, aluna do Curso de Licenciatura em Química.

Se eu não participasse do Projeto, eu não teria a metade da bagagem intelectual que acumulei ao longo desse tempo. Hoje me sinto segura para defender o sistema de cotas com qualquer pessoa. No Curso de Direito, discuto com os demais estudantes e muitos deles passam a ver o sistema de cotas como realmente um instrumento de transformação social e diversificação do espaço. A experiência com o AfroAtitude foi ímpar na minha vida, contribuindo para o meu crescimento e para a minha auto-estima.

Camila Martins Novato, aluna do Curso de Direito.

O Projeto Afroatitude realizou muitas mudanças na minha vida, incluindo o fazer me reconhecer como negra.

Rosângela Martins Ferreira, aluna do Curso de Enfermagem.

Para minha família, meu ingresso na Universidade foi muito importante, pois sou o primeiro a entrar para o ensino superior. No AfroAtitude me descobri como o negro que sou e fiz laços de amizade tão fortes que é quase como se fosse a minha segunda família. Muitos de nós nos sentimos mais seguros em conversar com outros bolsistas do Projeto, do que com pessoas da família.

Júlio César Marques da Silva, aluno do Curso de Letras.

Entrei para o Projeto inicialmente pensando apenas em como a bolsa me ajudaria financeiramente; logo descobri que era nesse Projeto que eu encontraria o que realmente faltava na minha vida: a noção de ser negro e ter orgulho de ser.

Fernando da Silva, aluno do Curso de Engenharia Florestal.

(...) acreditando que a principal influência do AfroAtitude na minha vida foi me dar uma maior percepção da minha realidade, de pensar diferente e, acredito eu, melhor. De ter muito orgulho do que sou e do que ainda posso ser sem nunca deixar de defender o sistema de cotas ou qualquer outra política afirmativa que, com seriedade, busque reduzir os abismos que existem, sociais e/ou raciais, no Brasil.

Ana Cristina Lucas Facundo, aluna do Curso de Direito.

O AfroAtitude proporcionou-me conhecimento histórico mais aprofundado sobre o negro, que foi produto e ao mesmo tempo produtor de sua história. Através desses aprendizados concretizei minha posição dentro da raça negra, sedimentando meu papel na sociedade, servindo de espelho para outros negros que se sentem inseguros, assim como eu me sentia. Todo o conhecimento adquirido no AfroAtitude me fez notar o preconceito que existia sobre a minha cor, de maneira que antes eu não percebia.

Jaqueline Martins dos Santos, aluna do Curso de Nutrição.

No dia da inscrição fui tomada de uma emoção indescritível, ao me dar conta de que eu, mulher, pobre e negra estava subindo os degraus do prédio histórico da UFPR. Antes que o medo pudesse surgir, meus olhos viram uma faixa que dizia: “Alunos afrodescendentes, sejam bem-vindos, vocês são nosso orgulho.” Participar do AfroAtitude foi, sem dúvida, o meu auxílio, base e sustentação para lidar com os desafios e ingressar na Universidade como cotista afrodescendente. Todas as palestras, literatura, problemas que discutimos e a nossa convivência foram um passaporte para a consciência plena de nossa identidade, nosso papel e responsabilidades no combate ao preconceito e ao

racismo. Uma das minhas ações decorrentes foi apresentar em meu curso um seminário referente à democracia racial. Julgo ter sido de grande valor, uma vez que até então esses temas com certeza não eram debatidos no espaço acadêmico. Sei que, por participar do AfroAtitude, tenho o legado de continuar multiplicando os conhecimentos que obtive e lutar para que as portas do respeito às diferenças se alarguem e possam entrar por elas tantos outros como eu.

Crisfanny Souza, aluna do Curso de Psicologia.

Foi no AfroAtitude que conheci outros cotistas, muitos deles, como eu, oriundos de trajetórias semelhantes, com história de uma vida difícil. Eu me fortaleci, consegui me sentir realmente como um acadêmico da Federal. Isto porque, após todas as nossas discussões, palestras, oficinas, aulas, nosso grupo aprendeu a ter orgulho do que somos: cotistas negros. Além disso, gosto de dizer, percebo após tanto empenho, e com o auxílio de diversos professores e colegas do AfroAtitude, a dificuldade que tem um indivíduo que é contra as cotas, de conseguir levar adiante uma discussão sobre isto comigo. A conquista, a grande vitória não foi só a de passar no vestibular; foi esta, de estar onde estou, de não ter vergonha do que sou, de me sentir bem e obter novos amigos.

Thiago Henrique Felício, aluno do Curso de História.

Posso dizer que todas as atividades desenvolvidas pelo Projeto foram relevantes para solidificar meus conhecimentos. Por fazer parte de um grupo com os mesmos justos ideais foi uma ótima e sensível experiência. Este ano letivo me exigiu muita organização e dedicação, mas consegui ter bom aproveitamento geral (notas e aprendizado) e todos os benefícios de pertencer ao AfroAtitude.

César Lopes, aluno do Curso de Medicina.

Nas nossas discussões, tivemos excelentes profissionais que estiveram nos auxiliando a entender melhor a questão das cotas raciais e a ver a posição do negro no Brasil, como as relações são construídas, nossa cultura. Temas como tambores, negritude, branquitude, democracia racial, racismo, literatura negra, educação e ações afirmativas, e tantos outros, fizeram com que eu tivesse maior conhecimento da minha situação de mulher negra em meu país.

Michely Ribeiro da Silva, aluna do Curso de Psicologia.

Ao integrar o Projeto AfroAtitude, a Universidade Federal do Paraná optou pela manutenção dos cinquenta bolsistas, não em projetos isolados, mas em quatro espaços institucionais, que já trabalhavam com a temática racial e de inclusão: o Projeto Vale do Ribeira (VR), a Rede Integrada de Escolas Públicas (RIEP), o Centro de Estudos em Segurança Pública e Direitos Humanos (CESPDH) e o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB). Assim, ao invés de dispersá-los, os bolsistas foram designados para o NEAB, centro de referência na Universidade para articulação e promoção de atividades de ensino, pesquisa e extensão relacionadas ao campo dos estudos afro-brasileiros, para o CESPDH, cujo objetivo é o envolvimento da Universidade, da sociedade civil organizada e do governo na produção de pesquisas e possíveis propostas de intervenção visando

medidas preventivas, formativas e corretivas, que contribuam para o bem-estar coletivo e para a defesa das camadas e grupos sociais mais vulneráveis. O terceiro Projeto para o qual os bolsistas foram encaminhados foi o da RIEP, que em suas atividades promove cursos de formação continuada para professores da rede pública, e o quarto, o Projeto Vale do Ribeira, que em parceria com a Secretaria de Assuntos Estratégicos do Estado do Paraná promove o desenvolvimento dos municípios da região, que é a mais pobre do Estado.

Ao pensar o Projeto AfroAtitude nesse formato, procurava-se fortalecer o sentimento de grupo, o encontro de pares, com compartilhamento de dúvidas, apreensões e o fortalecimento da amizade e da auto-estima que ajudariam expressivamente no enfrentamento de possíveis atitudes hostis por parte de alunos, professores e funcionários, contrários ao sistema de cotas. Para que esse enfrentamento pudesse ser feito no campo das idéias, a coordenação do AfroAtitude propôs um Curso de Extensão, com duração de três meses, com conteúdos jurídicos, políticos, históricos e culturais, relacionados ao negro, às políticas afirmativas e à valorização da diversidade. Vale ressaltar que havia uma forte pressão negativa da mídia em relação à política de cotas, para a qual era necessário dar respostas, preparando os cotistas para adquirirem um arsenal teórico capaz de fazer frente a essas situações adversas. O Curso destinado prioritariamente para o AfroAtitude foi aberto ao público em geral, aos cotistas não-bolsistas e a ONGs ligadas ao Movimento Negro, e contou na sua abertura com a participação do Reitor, Prof. Dr. Carlos Moreira Junior, que expôs aos presentes as dificuldades enfrentadas e aquelas ainda por vir, relacionadas à adoção do sistema de cotas raciais, mas também expressando o contentamento de ver, enfim, a Universidade ser transformada e desafiada a passar de uma estrutura estatal para uma verdadeiramente pública. Presente também a Vice-Reitora à época, Prof^a. Maria Tarciza Bega, cuja exposição relacionou o posicionamento dos jovens e as questões raciais. Em um segundo momento, a Procuradora Geral da UFPR, Prof^a Dora Lúcia Bertúlio, o Prof. Evandro Piza (Coordenador do Curso de Direito das Faculdades Unibrasil) e o Dr. Dálio Zippin, representante da Comissão de Direitos Humanos na Seção Paraná da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) puderam esclarecer as questões relacionadas a Direitos Constitucionais e às Políticas Afirmativas, de forma bastante oportuna, pois vários dos cotistas e a própria Universidade estavam enfrentando processos jurídicos por parte dos que se julgavam desfavorecidos e excluídos do Programa de Inclusão Racial. Os argumentos jurídicos em favor das políticas de cotas e a discussão sobre os programas generalistas e os destinados a determinados grupos humanos, forneceram argumentos teóricos para o embate que certamente, um ou outro dia, os cotistas iriam enfrentar. Nos depoimentos escritos ou falados, feitos posteriormente ao final de um ano de Projeto, alguns deles colocados no corpo deste relato, fica evidente que muitos, senão a maioria, apesar de terem se beneficiado do sistema de cotas, careciam de instrumental teórico e emocional para defendê-lo.

O Coordenador do CESPDPH, Prof. Pedro Bodê, tratou do tema “Invisibilidade do Negro no Brasil”, desmitificando a ilusão da democracia racial, demonstrando como o preconceito e o racismo velados são desmascarados quando se estuda dados relativos à

escolaridade, mercado de trabalho, expectativa de vida. Seguiu-se a essas palestras a do Prof. Hélio Santos, convidado pelo Projeto para falar da importância da cultura da diversidade para o século XXI. Profundo conhecedor do tema, o professor Hélio Santos provocou nos bolsistas reações fortemente positivas, inclinando-os à reflexão e à luta. Seguiram-se palestras sobre o Racismo no Brasil, a Cultura Afro-brasileira (na religião, no cinema, nas artes) e mini-cursos de Relações Raciais e Educação no Brasil e de Prevenção de DST/HIV e Aids para a formação de multiplicadores. Também foram feitas palestras sobre o Projeto do Vale do Ribeira apresentando sua caracterização econômica e social e os projetos desenvolvidos na região pela UFPR e pelo Governo do Estado do Paraná. Em todos os momentos da capacitação, procurou-se desmitificar as idéias de que as cotas feririam o Princípio Constitucional da Igualdade, subverteriam o mérito acadêmico e promoveriam o racismo na sociedade.

Paralelamente aos cursos, os alunos bolsistas foram sendo envolvidos em atividades culturais como exposições, números musicais, teatro, cinema, desenvolvidas no Museu Oscar Niemeyer, no Teatro Guaíra, no Canal da Música, na TV e Rádio Educativas, sempre relacionadas à cultura afro-brasileira. Também foram ministradas aulas de teatro por professores de Escola Técnica da UFPR, visando o fortalecimento da auto-estima, com técnicas de valorização do olhar e da postura. Oficinas de sexo seguro e luta contra o preconceito foram desenhadas especificamente para que o grupo pudesse trabalhar sem receios, com populações dentro e fora do ambiente universitário.

Finalizada a fase que se chamou de capacitação, 30 bolsistas foram designados para o trabalho com o Vale do Ribeira, 10 para a RIEP, 5 para o NEAB e 5 para o CESPDPH.

Os bolsistas designados para o Vale do Ribeira estiveram nas cidades de Tunas e Cerro Azul, duas das cidades pertencentes ao Vale do Ribeira, com baixo IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), onde o percentual de meninas adolescentes grávidas é bastante elevado. Em várias ocasiões, incluindo eventos específicos da Universidade, como o FAF-GRAD (Fórum de Atividades Formativas da Pró Reitoria de Graduação) e em dias especiais, como o dia 1º de dezembro, dia Internacional de Luta contra a Aids, desenvolveram naquelas cidades atividades de prevenção, incluindo oficinas de sexo seguro e solidariedade para alunos do ensino fundamental e médio. A intervenção dos estudantes cotistas raciais naquelas regiões de baixo IDH procurou reforçar um grande projeto institucional da UFPR, contemplando o princípio constitucional de tratar os diferentes de forma diferenciada para se alcançar a igualdade material, objetivo principal das ações afirmativas.

Foram feitas intervenções em escolas e fábricas, procurando estimular os alunos do Vale do Ribeira a prestarem o vestibular junto à UFPR, pelo sistema de cotas raciais e sociais. Os temas discutidos foram o funcionamento do vestibular da UFPR, o que é o sistema de cotas e como funciona, quem pode utilizá-lo e como se inscrever pelo sistema. Apresentam-se dados estatísticos sobre a população negra e foram feitos relatos de vivência pelos membros do AfroAtitude.

Essa atividade ganhou o 1º Prêmio no FAF-GRAD do ano de 2005 e foi intensamente motivadora para todos os bolsistas, que puderam atuar como modelos e espelhos para os jovens da região, uma vez que em sucessivos anos poucos são os residentes do Vale que têm tentado conquistar uma vaga no ensino superior, sendo essa atividade do AfroAtitude de grande importância para a mudança desse quadro.

Conversamos com alunos de 13,14 anos. Contamos que éramos alunos da UFPR, que havíamos entrado pelas cotas raciais. Aqueles meninos nos olharam com admiração e viam a Universidade como um sonho longe de ser alcançado. Nós os incentivamos, falamos do sistema de cotas sociais e raciais, dissemos a eles que as vagas estavam lá e que se eles se esforçassem, assim como nós conseguimos, eles também iriam conseguir. Eles nos mostravam suas notas, diziam em que matérias eram melhores e na saída iam embora sorrindo, talvez com uma esperança a mais.

José Faustino Filho, aluno de Educação Física.

Para mim, as ações realizadas pelo Projeto são de importância sem igual, visto que permitem a integração de alunos universitários e colegiais, dando aos universitários uma noção e sentimento de cidadania e despertando nos colegiais um sentimento e uma vontade de também fazer parte deste grupo.

Fernando Silva, aluno do Curso de Engenharia Florestal.

Os bolsistas do Projeto também estiveram nas cidades litorâneas de Antonina e Matinhos, para o desempenho das mesmas atividades, sempre acompanhando atividades maiores da Pró-Reitoria de Graduação.

Outros grandes eventos da UFPR, como a Feira de Profissões, Festival de Inverno e a Gincana dos Servidores, que mobilizam toda a comunidade e são marcas institucionais importantes no processo de integração da Universidade com a sociedade paranaense, também puderam contar com a presença e a atuação dos bolsistas do AfroAtitude, que ocupando esses espaços desempenharam atividades de prevenção às DST/AIDS, ao mesmo tempo em que difundiam as políticas afirmativas. Esses eventos mobilizam milhares de pessoas, dando grande visibilidade ao Projeto e oportunizando a discussão dos cotistas com o público em geral, sobre a necessidade e a importância dessas políticas.

Seu contato direto com os frequentadores dos eventos citados eleva sua auto-estima, faz com que se sintam parte integrante da UFPR, além de oportunizar a realização de pesquisas e oficinas. Nessa mesma linha foram desenvolvidas atividades semelhantes em Setores da UFPR, de forma rotineira, procurando cobrir todos os turnos e alcançar o maior número de alunos, professores e servidores. Os bolsistas comparecem sempre identificados pela marca do AfroAtitude.

Convidados pela TV Educativa, estiveram presentes nos “aulões” preparatórios para o Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), divulgando as cotas e desempenhando atividades de prevenção de DST/HIV e aids. Outra atividade muito cara ao Projeto é a recepção aos calouros.

Alunos que entram na Universidade pelo sistema de cotas podem se sentir diminuídos, tender ao isolamento e à negação e serem alvo de atitudes discriminatórias por parte da comunidade acadêmica e da comunidade em geral. Por isso, a recepção aos calouros é considerada uma atividade estratégica. Recebê-los, dar-lhes as boas-vindas por seus iguais, através de um Programa Institucional como é o caso do AfroAtitude, diminui os sentimentos negativos, a ansiedade e a apreensão. Nos dias de matrícula dos novos alunos, período em que também se faz a análise fenotípica e entrevista dos aprovados pelas cotas raciais, os bolsistas do AfroAtitude, devidamente identificados, abordam todos os alunos da fila, cotistas ou não, apresentando-se como alunos cotistas de seus respectivos cursos, entregando texto sobre as políticas afirmativas, além de promoverem a prevenção das DST/HIV/AIDS, através da distribuição do preservativo masculino acompanhado de instruções para seu uso. Realizam oficinas de sexo seguro e fazem convite para uma reunião de confraternização, estudos e preparação de atividades. Dessa forma, imediatamente os alunos cotistas veteranos se tornam referencial para os calouros, dentro de seus próprios cursos. É também uma estratégia que pode se revelar positiva para a adesão de novos membros para o projeto, contribuindo para a consolidação das políticas afirmativas.

Todas as atividades desenvolvidas pelo Projeto com os bolsistas designados para o Vale do Ribeira foram inscritas como Projetos de Extensão junto à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC).

Os bolsistas do AfroAtitude designados para o NEAB dedicaram-se à pesquisa cujo objeto teve-se à representação do negro em jornais paranaenses de grande circulação, como a Gazeta do Povo, A Tribuna do Paraná e o Estado do Paraná, realizando leitura e coleta (recorte e colagem) de reportagens em que personagens negros apareciam, seja visualmente, ou por descrição racial nos textos, ou por citação de personalidades assim reconhecidas. Foram analisadas peças publicitárias, com técnicas de análise de conteúdo e de forma quantitativa e qualitativa.

Outra linha de pesquisa coordenada por professores do NEAB foi a de histórias de negros e negras no Paraná: trajetórias de vidas referenciados nos terreiros de candomblé, buscando compreender a questão da saúde, relacionada às inferências culturais do racismo, enfocando no espaço religioso histórias de vida, colaborando para a construção de um acervo histórico sobre os negros no Estado.

Outros projetos em desenvolvimento junto ao NEAB incluem estudos sobre as comunidades quilombolas, os modos de dominação e a escravidão no Estado do Paraná, a imagem do brasileiro nas páginas da Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, um estudo sobre racismo e violência policial no Paraná, e um estudo sobre as políticas afirmativas na UFPR.

Os bolsistas do AfroAtitude, encaminhados para o CESPDPH, participaram de laboratórios e estudos sobre a Polícia, Escolas, Sistema Penitenciário e análise institucional. Os laboratórios são espaços de reflexão e pesquisa acadêmica, além de desenvolverem atividades de extensão e intervenção social.

Quando da realização da 1ª Mostra Brasil AfroAtitude, foram apresentados oito trabalhos referentes a todo o desempenho do 1º ano do Projeto na UFPR. Também foram apresentados trabalhos específicos em eventos relacionados nos próprios cursos.

Os alunos bolsistas que integraram o Projeto da RIEP visitaram escolas públicas da rede de ensino da região metropolitana e de Curitiba, para a discussão sobre as políticas afirmativas, divulgação do sistema de cotas e desenvolvimento de ações de prevenção de DST/HIV e aids, além de discutirem questões pertinentes, como direitos humanos, racismo, preconceito e solidariedade.

Dentro da proposta de visitas às escolas públicas, destacam-se aquelas feitas às escolas das quais são oriundas os bolsistas do AfroAtitude, em um processo de fortalecimento da própria escola, do bolsista e do alunado que se identificando com o "afrotudivista", vê reais possibilidades de acessar o ensino superior e alternativas para a sua permanência acadêmica.

É preciso ressaltar que o Projeto AfroAtitude, em seu 1º ano, esteve vinculado institucionalmente à Assessoria de Assuntos Acadêmicos, à época dirigida por Cristiane Ribeiro dos Santos. Essa vinculação, bem como a parceria realizada com o Governo do Estado do Paraná, através da Secretaria de Assuntos Estratégicos foram decisivas para o bom funcionamento do Projeto, dando suporte material e emocional para o desenvolvimento das ações.

Os alunos do AfroAtitude estiveram ainda envolvidos na organização, infraestrutura e como participantes ativos dos debates e resoluções da 1ª Conferência Paranaense de Promoção de Políticas da Igualdade Racial, preparatória para a Conferência Nacional e como expositores e debatedores no 1º Seminário Mulheres Negras e Saúde. Participaram também do 1º Encontro Cultural do Vale da Ribeira, patrocinado pela Secretaria de Assuntos Estratégicos do Paraná, Celepar (Companhia de Informática Pública do Paraná) e UFPR.

Em outubro de 2006, foi realizado o primeiro Encontro Estadual dos Bolsistas do AfroAtitude, num espaço de troca de experiências entre os alunos da UFPR e da Universidade Estadual de Londrina (UEL), visando também debater propostas para diretrizes nacionais.

Foram inúmeros os eventos de natureza cultural a que puderam ter acesso, mas para muitos, essa foi a primeira oportunidade de freqüentar equipamentos como o Museu Oscar Niemeyer, o Teatro Guaíra, o Canal da Música.

Sei que todos nós do AfroAtitude estamos preparados para defender as políticas afirmativas e que somos e seremos um diferencial na Universidade.

Suzilaine Pontes, aluna do Curso de Letras.

Existe, na verdade uma palavra que pode traduzir a participação do AfroAtitude na UFPR: transformação social, acadêmica e de atitudes. Transformação que eu teria alcançado, mas com muito mais custo dentro de uma Universidade majoritariamente branca. Engajar-me neste Projeto foi antes de tudo um grande prazer. Sempre quis ter mais informações sobre as minhas origens e dados para apoiar o sistema pelo qual eu ingressava na Universidade. Considero que tive um grande crescimento cultural e crítico, que sempre foram na verdade, minha visão de Universidade democrática.

Carlos Henrique de Paula, aluno do Curso de Engenharia de Bioprocessos e Biotecnologia.

Esse Projeto, sem dúvida alguma, me tornou mais consciente no papel de jovem cidadã na sociedade brasileira, e tenho certeza de que conseguirei pôr em prática tudo que aprendi, e colaborarei para termos uma cidade mais justa e menos desigual.

Erica Fernandes, aluna do Curso de Letras.

Ao final de quase dois anos de Projeto pode-se apontar como conquistas o modelo adotado pelo AfroAtitude da UFPR, a geração e o fortalecimento da auto-estima, o crescimento pessoal e intelectual, a vivência pioneira de seus membros como personagens ativas de uma política afirmativa, a permanência na Universidade através da possibilidade de arcar financeiramente com despesas inerentes à vida universitária em sua etapa inicial, a consciência de seus direitos constitucionais consubstanciada na aquisição de conhecimento e argumentação, a facilitação do encontro com seus pares com compartilhamento de esperanças e amizade, a abertura de novos caminhos dentro e fora da Universidade, a tomada de consciência de necessidade de luta contra o preconceito e discriminação de qualquer tipo, sejam eles dirigidos às questões de gênero, étnicas ou sexuais, a aquisição de conhecimento científico nas áreas social, econômica, comportamental e biológica, relacionada à pandemia de AIDS, a formação de agentes multiplicadores de prevenção às DST/AIDS com aplicação direta e imediata junto à comunidade de baixa renda, escolares e universitários, o acesso a atividades culturais como peças teatrais, espetáculos musicais, visitas a museus e exposições.

Os fragmentos de relatos dos bolsistas colocados no corpo deste artigo mostram, de forma inequívoca, que de forma simbólica e real, o AfroAtitude colocou na pauta diária da Universidade o tema das políticas afirmativas, até então escamoteadas ou ignoradas.

NOTAS DE RODAPÉ

* Médica, Professora Adjunta do Departamento de Saúde Comunitária da Universidade Federal do Paraná.
Mestre em Medicina Interna/UFPR, Coordenadora do Afroatitudo da UFPR.